

Os outros olhares com que nos viram... A Natureza: entre a paleta das cores e o ramo de flores

Maria José Ferro TAVARES
(Universidade Aberta)

Ao fazer investigação para o projecto *Datacoast*, financiado pela FCT, dei por mim a recolher toda a informação que dizia respeito não só ao litoral, mas também a todo o coberto vegetal e animal e à acção do homem sobre a natureza. Por isso, relembrando algumas saídas em serviço, decidi escrever este pequeno texto à Amiga, Professora catedrática, Investigadora e minha Vice-Reitora, a quem este volume de homenagem é dedicado.

Não me irei debruçar sobre as pessoas que, infelizmente, não tinham atributos muito simpáticos aos olhos dos estrangeiros que nos visitavam. Irei preocupar-me com a natureza, a paisagem, o Portugal que nós admiramos quando viajamos e que tanto nos perturbou no verão de 2003, por causa dos fogos que destruíram grande parte da sua beleza e riqueza naturais.

Costa Lobo escreveu, um dia, que Portugal era constituído por charnecas e matagais, salpicados por espaços habitados onde sobressaíam os concelhos e poucas cidades. Foi daquele Portugal que fui à procura, um Portugal inominado e bucólico, o da poesia, um Portugal identificado, o da literatura de viagens ou o das crónicas e descrições dos espaços urbanos, ou seja, o espaço onde a acção do homem se fez sentir, traduzida em texto escrito.

Numa primeira abordagem, posso concluir que havia uma grande intimidade entre o homem e a natureza, natureza essa que habitava o interior do território urbano, na forma de hortas, pomares, vinhas, olivais, ou o cercava sob a forma de bosque, matos, soutos, montados, pinhais ou de pomares, herdades de cereais, vinhas, olivais. A dialéctica desenvolvida entre o homem e a natureza variava, entre a apreciação do belo ou do odoroso, e o medo aos lobos, aos cervos e porcos monteses, que destruíam as colheitas e matavam o gado. Complementava esta dialogia o ambiente aquático, na forma de fontes, arroios, ribeiros, rios e mar. O nosso trabalho está, no entanto, limitado mais às flores e às suas cores, como o subtítulo o indica, do que ao arvoredo.

O século XIII assistiu à plantação de pinhais, no litoral estremenho. Talvez, por isso, o pinheiro foi a árvore mais cantada na poesia de amigo. *Flores, ai flores do verde pinho/ flores, ai flores do verde ramo*, eram apreciadas pela beleza da sua brancura antes de se tornarem douradas, antecipando o aparecimento das pinhas do pinheiro bravo. No Inverno, pareciam etéreos flocos de neve no meio do verde escuro do pinhal¹.

Branças eram também as flores das aveleiras, sob as quais as donzelas bailavam. Aveleiras cujos frutos se assemelhavam, por vezes, a avelãs "granadas", tais eram, grandes e avermelhadas, as avelãs na sua casca, parecendo minúsculas romãs².

A campina aparecia identificada pelas suas flores³, mas também pelos verdes campos e verdes prados, onde pastavam os cervos⁴. Gil Vicente recordava no *Auto da Fé*, o *prado florido na manhã de S. João*⁵ e Bernardim Ribeiro, na *Menina e Moça*, descrevia o verde prado, fresco pelo denso arvoredo e banhado pelas águas correntes de um ribeiro: *monte com arvoredos grandes e verdes ervas e deleitosas sombras, por onde corre um pequeno ribeiro de água de todo o ano*⁶.

Prados e flores apareciam associados aos pastores e ao gado, à música das flautas, ao canto de rapazes e raparigas, ao chilrear dos pássaros. O verde das ervas contrastava com a variedade das cores e perfumes das plantas que o salpicavam. As boninas iriam manter-se nas referências

aos prados floridos, boninas brancas e amarelas, às papoilas, se identificarmos como tal as flores vermelhas que a jovem colhe no prado, na iluminura do Cancioneiro da Ajuda, relativa ao mês de Abril, mas também as rosas, os lírios brancos e roxos, as açucenas, as *roxas flores*, as violetas ou *violas*, o girassol, enquanto no monte crescia o tomilho e a urze. Entre as flores do verde prado crescia outra caracterizada pelos seus espinhos, os abrolhos. Junto das correntes de água crescia o belverde que Camões designava à maneira italiana como *belvedere*, o belo-de-ver⁷.

Gil Vicente, no *Auto dos Quatro Tempos*, associava a primavera e o início do verão aos malmequeres amarelos, à madressilva e rosinhas, aos jasmíns e maravilhas, aos frutos e vegetais, não esquecendo as aves migratórias, ou não, que cruzavam os espaços campestres:

En la huerta nace la rosa.
(...)
Afuera, afuera, nublados,
Neblinas y ventisqueros!
Reverdeen los oteros,
Los valles, sierra y prados!
(...)
Salgan los nuevos vopores,
Píntese el campo de flores
Hasta que venga el estio.
(...)
Las abejas colmenares
Ya me zuñen los oídos,
Paciendo por los floridos
Las flores mas placenteras.
Cuán granado viene el trigo!
(...)
Hago claras las riberas,
El frío hecho en las fuentes,
El tomillo por los montes
*Huela de dos mil maneras.*⁸

Camões não se cansaria de cantar a beleza natural dos campos, mesmo quando podemos pressupor que nessa beleza estava também a mão humana nas hortas ou jardins. Ao mote,

Verdes são as hortas
Com rosas e flores
Moças que as regam
Matam-me de amores,

glosava:

Entre estes penedos
Que daqui parecem,
Verdes ervas crescem,
Altos arvoredos.
(...)
Regar brancas flores
(...)
Celestes jardins:

As flores, estrelas;
Horteloas delas
São uns serafins.
Rosas e jasmíns
De diversas cores;
(...)⁹

Bela era a paisagem que acompanha as águas do Mondego da nascente até à foz e que Rodrigues Lobo cantou:

"Por onde entre penedos e aspereza
passa o Mondego claro e saudoso,
Rompendo os montes seus, que a natureza
Fez por muro da terra poderoso,"
(...) "*Ali (em Penacova), entre a pacífica oliveira*
Nos declives outeiros transplantada,
As matas de verão de erva cidreira
À fermosa Diana dedicada;
O junquilha, a viola e a roseira
Têm a relva de flores marchetada,
E as boninas, que a Lua fez mais belas,
Azuis, brancas, vermelhas e amarelas."
"Ali acha no mato o caminhante,
A Artemisa em flores graciosas
E o malvaíscio alegre que diante
Do sol abre as boninas cobiçosas;
A madressilva e o jacinto amante,
Que inda sustenta as letras amorosas,
Como que se esmerara a natureza
Em fazer tal jardim numa aspereza"¹⁰.

Da mesma época é o cronista Duarte Nunes de Leão que, exaltado, contemplava as belezas de um Portugal submisso a Espanha, mas em tudo superior a ela. Em Lisboa, as "*quintãs todas sam uns jardins*" e o mesmo acontece nas Beiras, devido ao grande número de laranjais que existiam. Mas o reino, já era cantado pelos antigos autores por nele se encontrarem "*flores e violas em tempos que nam eram de Primavera: o que em todo tempo de Veram e Inverno se verão nam somente em Lisboa e seus contornos, mas nas outras partes do reino em tempos de giadas e frios, e nos calores de Júlio e Agosto em que estam pelas festas os templos enramados de muitos ramalhettes e capellas de diversas flores, e de muitas e desvairadas cores*".¹¹

E noutro capítulo que intitulou "Das ervas sylvestres e domésticas", Duarte Nunes escrevia com entusiasmo: "*E nam soamente pelos campos daquelles lugares que assinalamos, se dam as ervas que de sua natureza sam sylvestres, mas muitas daquellas que se soem cultivar e criar em alegrettes: como sam lírios, rosas, violas e artemisia. Ao rodor de Coimbra pelo campo, alem de muitos lírios, e algumas rosas, é tanta erva cidreira, que em qualquer parte do campo se deitão homens sobre camas dellas, estando em sua raiz mais viçosa e odorífera que a que se tem nos jardins. Finalmente todas as ervas de que está escripto se acharão neste reino, se as buscarem e muito mais*". Mas o nosso autor não ficou por esta afirmação, continuando a enumerar outras plantas que se criavam nos prados e nos matos, medicinais umas, outras para mero prazer dos

sentidos humanos, como os orégãos, os rosmaninhos, os alecrins, as madressilvas, as murtas, etc.¹²

Se a ornamentação de alguns capitéis e pórticos da arte gótica lembram nos seus motivos naturalistas as folhas da videira, de figueira, o ramo da oliveira, ou as margaridas, os malmequeres, as rosas abertas ou as pinhas fechadas, cachos de uvas, espigas de trigo, a pintura traz-nos à memória a beleza do quadro, "A Senhora, o Menino e os Doadores" do museu Machado de Castro em Coimbra, onde a Virgem segura uma rosa na mão direita, ou da açucena na Anunciação, das violetas e outras flores campestres nas paisagens pintadas por Grão Vasco, ou das açucenas, lírios, túlipas, rosas, malmequeres, margaridas, cravinetas, cravos, brincos de princesa dos *bouquets* de Josefa de Óbidos, por exemplo.

Poderíamos pensar que cores e perfumes estavam na alma de escritores, artistas e poetas. Mas não, documentação vária comprova a dialéctica entre o prado e o arvoredo, entre a claridade e a sombra, entre os animais terrestres e as aves, entre a água e a terra, embora o nosso tema se debruce apenas sobre o campo florido, pelo que iremos abordar o diálogo entre o prado e o arvoredo.

As Vereações da Câmara de Loulé, de 1378, identificavam a paisagem natural, onde as vinhas, as figueiras, os zambujeiros eram referenciados ao lado dos alandroeiros ou loendros, como hoje diríamos, e dos rosais¹³. Com rosas e pétalas de outras flores se fizeram ruas no Porto, por onde passaram D. João I e D. Filipa de Lencastre a caminho da sé, onde iam casar. Com ramos floridos a população enfeitou barcos, arcos, portas e janelas. Pétalas de rosas, flores e trigo foram lançadas sobre o régio casal, tal como hoje se atiram bagos de arroz e confeitos sobre os noivos à saída da igreja. Com pétalas de flores se enfeitaram os sombreiros dos homens ao jeito de capelas de flores, como usavam as raparigas¹⁴.

De flores se enramou o concelho de Estremoz para receber a princesa D. Isabel, quando casou com D. Afonso, filho de D. João II. E a cidade Évora ornou-se de muitos ramos de louro e de laranjeira que, nesta altura, passavam despercebidos perante outros ornamentos com jóias, brocados e tapeçarias¹⁵.

Flores trouxera Gil Eanes ao infante D. Henrique, quando dobrara o Cabo Bojador: "(...) *me pareceu que devia trazer algum sinal de terra, pois que em ela saía, apanhei estas ervas que aqui apresento a Vossa Mercê, as quaes nós em este reino chamamos rosas de Santa Maria*"¹⁶.

Admiradores das belezas naturais, identificadas nas flores, eram os viajantes de outros reinos que nos visitavam. Leão de Rosmithal escrevia no seu diário ter visto em Braga tantas árvores de fruto e plantas como nunca vira em outra qualquer parte, pois até nas ameias do castelo nascia a hera. No caminho para Guimarães, crescia junto à estrada a salvia, o poejo e outras plantas odoríferas¹⁷. Os ciprestes e os jardins do mosteiro de Sta. Clara de Coimbra deixaram-no extasiado, assim como o enebriou o perfume do anis que crescia nos montes que acompanhavam o Mondego¹⁸.

Por sua vez, o francês Bartolomeu Joly que, em finais do século XVI, visitara Portugal, referia os jasmims brancos que nasciam nas margens do Douro e que eram usados na cura da tinha¹⁹.

O príncipe polaco Jacobo Sobieski que, em 1611, passeou pelo reino encantou-se com os belos jardins e hortas da cidade de Lisboa e seus arredores²⁰. Também o conde Koenigsmark recordava as rosas e as flores que esta cidade tinha durante o ano todo²¹. O francês Jouvin que aqui esteve, durante o reinado de D. Pedro II, anotava no seu diário de viagem as hortas alentejanas, entre Elvas e Estremoz, onde as rosas e as flores cresciam, assim como os jardins neste concelho.

Mas Lisboa arrebatou-o, com exceção das ruas que encontrou estreitas e sujas: *"Lisboa é a cidade maior de toda a Espanha, capital do reino de Portugal, um dos portos mais famosos da Europa, (...) onde alguns reis tiveram durante muito tempo a sua corte, devido ao seu ar puríssimo e à beleza dos seus jardins, que se estendem pelas colinas abaixo até às muralhas da cidade (...)*. Jardins "formosos" encontrou igualmente na casa de campo da família real em Alcântara e nos Jerónimos, onde nos claustros e jardins da cerca pôde apreciar as fontes e as laranjeiras de grandes e doces frutos, nomeadamente, aquelas que se enxertaram com as que, no reinado de D. Afonso VI, os portugueses tinham trazido da China, e se tinham expandido por todo o reino. Os arredores da cidade eram, nas palavras deste viajante, *"um vasto jardim, numa extensão de mais de dez léguas, cheio de frutos inimagináveis"*²².

O Sr. de la Melonnière esteve em Portugal entre 1720 e 1726, com o objectivo de escrever um livro de viagens por vários países do sul, entre os quais Portugal e que intitulou "Memórias Instrutivas para um viajante". Observador atento, visitou Lisboa e os arrabaldes anotando tudo o que via e o que lhe contavam, comentando a falta de cultura e as superstições que circulavam entre os portugueses. Visitou Sintra e os arredores, mas sobretudo Alcântara e as suas colinas, onde descobriu um gruta de salitre, coberta com moitas de giestas e de flores de "anfirinum" brancas e roxas, mas também a planta da noz moscada (?), a "mosca", "tanto se parece a flor a uma mosca verdadeira". Dispersos pelos montes desta região, encontrou narcisos brancos e amarelos em pleno mês de Janeiro, que apreciou imenso e considerou belos para ornamentar uma casa, dispostos em vasos, porque, ao contrário dos junquinhos e das tuberosas, com as suas flores brancas e aromáticas, "levam quinze ou vinte flores de uma brancura deslumbrante e sem perfume"²³.

Interessado em visitar a serra da Estrela, ficou encantado com a beleza da sua paisagem e com o verde dos seus pastos. Nela encontrou a genciana, que os portugueses utilizavam nos molhos e que era tida pelos pastores como erva "santíssima" devido aos poderes curativos que possuía, assim como encontrou outras plantas medicinais, como a verónica nos bosques de azinheiras grandes com que a serra estava coberta próximo de Manteigas²⁴.

William Beckford também apreciou a beleza das rosas dos jardins do palácio de Palhavã, que ele designava numa das suas cartas, as *"mais frescas e perfeitas rosas"*. Em Colares, o autor divagava sobre a paisagem "elísia": *"Os fragmentos de rocha musgosos, os choupos grotescos e as pontes rústicas, que se encontram a cada passo, trazem a Sabóia e a Suíça à imaginação; mas a distribuição exótica da vegetação, o verde intenso do limoeiro, os frutos dourados da laranjeira, a murta florida e a fragrância rica da turfa bordada com flores das mais brilhantes cores e mais aromáticas, permitem-me com um esforço ligeiro de imaginação julgar-me no jardim das Hespérides..."*²⁵.

Na obra *Rita, the Portuguese*, o seu autor inglês traduziu um pouco a beleza do Minho, através das suas árvores. *"À nossa direita um muro de rochas, à esquerda uma profunda, íngreme e arrelvada descida de pinheiros e carvalhos, sobreiros e oliveiras, para baixo, o vale. Aqui o medronheiro com o seu fruto cor de morango, ali a cerejeira e o pessegueiro com as suas maravilhosas flores, a selvagem urze amarela fazendo um magnífico bordado nas encostas do monte, brilhando e ardendo nas montanhas distantes no seu campo de pálida neblina azul"*²⁶

Mas a natureza não era só verde salpicado de flores coloridas. A natureza era também verde e castanho, era bosque, souto, montado, mato, era flores e espinhos, era flores e frutos de cores diversas. Portugal era exaltado pelas suas hortas e pomares, completando estes, sobretudo, o colorido e o odor da natureza.

As árvores de fruto, nomeadamente, as laranjeiras e os limoeiros alegravam as hortas/jardins e os pomares com as suas árvores, ora carregadas de flores brancas de onde exalava um intenso perfume, ora vergados os ramos sob o peso dos frutos dourados. Rivalizavam no aspecto com os vinhedos, ora verdes e tintos, ora castanho dourado, e com os densos olivais, onde o verde aparecia salpicado de azeitonas negras. Mas outros tons de verde e de castanho cobriam o jardim que a natureza, mais do que a mão do homem, oferecera a Portugal.

Leão de Rosmithal recordava com agrado os pomares que circundavam o território bracarense e onde se podiam ver inúmeras espécies, como as árvores do paraíso (a *eleagnus hortensis*), laranjeiras, limoeiros, romãzeiras e outras muitas árvores e plantas que o nosso viajante nunca vira²⁷. A paisagem de Coimbra era também assinalada no seu diário, pois nos montes que ladeavam o Mondego e na veiga que o acompanhava, Rosmithal vislumbrava a planta do anis, os olivais, as vinhas e outras árvores, assim como os ciprestes e os jardins, estes últimos no mosteiro de Sta. Clara²⁸. Nas margens do Tejo rivalizava a oliveira com a vinha, a norte, e o matagal, povoado de lebres e de coelhos, a sul, enquanto na planície alentejana a vinha dos arredores de Évora concorria com os olivais do termo de Elvas²⁹.

Nicolás de Popielovo descreveu o Algarve através das suas exportações: o vinho tinto, as passas e os figos secos que os mercadores do norte da Europa aqui vinham buscar. E acrescentava um aspecto curioso da paisagem do sotavento algarvio: *"duas milhas antes de Tavira não se vê mais nada para além de figueiras e oliveiras, na sua maior parte figueiras tão espessas como selva, de modo que a cidade só se vê quando se chega às portas, onde se vendem figos e uvas"*³⁰.

A região entre o cabo de S. Vicente e Setúbal estava escassamente povoada e nela cresciam vinhedos, figueiras e amendoeiras, segundo Jerónimo Münzer, enquanto a oliveira se impunha nos arredores de Montemor-o-Novo e ao longo do Tejo, de ambas as margens deste rio, aqui rivalizando com a vinha³¹.

Para o militar alemão que acompanhou o exército de D. João de Áustria que derrotou o Prior do Crato, em 1581, Erich Lassota de Steblovo, a cidade de Santarém era referenciada pelos muitos olivais, hortas, laranjais, limoeiros, cidras e outras frutas para além de vinhas e cereais, que existiam nela e nos seus arredores³².

A descrição do reino mais entusiasta foi feita, no início do século XVII, por Duarte Nunes do Leão. Para este português, no reino havia abundância de tudo, distinguindo-se do "sertão" que eram Castela e Leão. Os olivais reflectiam-se na abundância, bondade e qualidade do azeite produzido, que designava por "santo licor". E rematava: *"... em todos os lugares de Portugal e do Algarve se dá azeite (...) Évora, Beja, Elvas e na villa de Moura, em que há mais copia que em nenhum outro lugar do reino, e nas villas de Serpa, Estremoz, Portel, e outras, e em outros muitos mais lugares de Alentejo, e da Estremadura, e da Beira..."*³³.

O mesmo acontecia com a vinha e a abundante e variada produção de vinhos nas cores e nos sabores, que enumerava. Os melhores eram os do Algarve com os vinhos de Alvor, Portimão e Lagos. Os alentejanos de Évora e de Peramanca não lhes ficavam atrás, sobretudo estes últimos, em "sabor e substância", a que se somavam os brancos de Beja, os palhetes de Alvito, de Viana, de Vila de Frades, das Alcáçovas e os das margens do Tejo tão apreciados no norte da Europa, como os de Alcochete, Caparica, Barreiro, Seixal, Lavradio, Alhos Vedros. E o verde da vinha, o branco ou o negro das uvas estendiam-se aos arredores de Lisboa, à Estremadura, a Santarém e chegava a Lamego e a Monção³⁴.

Mas eram os pomares que mais embelezavam a paisagem, com as suas árvores salpicadas de flores brancas e rosadas ou com os frutos desde o dourado das laranjas, ao verde e vermelho

das peras e maçãs, à granada das romãs e das cerejas, ao veludo avermelhado dos pêssegos. A maior abundância residia nas laranjeiras, mas o autor não esqueceu as várias castas de peras e de maçãs, provenientes da Estremadura, do Alentejo e das Beiras, as ameixas e cerejas de várias espécies, os morangos. Como também não esqueceu os frutos secos das amendoeiras, aveleiras, nogueiras, castanheiros, sobreiros e azinheiras³⁵, no que foi acompanhado pelas narrativas de muitos estrangeiros que visitando Portugal, reconheciam a beleza natural do país. Não era M. de la Melonnière quem exaltava os saborosos e sumarentos pêssegos de Coimbra e de Abrantes, para além de exclamar extasiado: "... de Abrantes a Lisboa este país é um paraíso terrestre pela beleza das suas planícies, cobertas de oliveiras e de toda a espécie de árvores de fruta"³⁶!?

Mas estas narrativas são corroboradas pela documentação. Iria Gonçalves, ao estudar os coutos de Alcobaça e a sua riqueza agrícola, encontrou menção abundante às árvores de frutos: "*Também bastante cultivadas eram as maçãs, as peras, os peros, numa associação que devia ser muito frequente, porque quase sempre eram citadas umas ao lado das outras. As demais árvores frutíferas – pessegueiros, cerejeiras, cidreiras, nespereiras, romãzeiras, outras mais – eram plantadas aqui e além, com menos interesse, mas espalhadas por toda a parte*". Peras de "angoxa" e "codornos", juntavam-se às maçãs "baionesas" e aos peros "marmelares", "brancos" ou "de Santiago". Os frades não esqueciam também as figueiras de várias qualidades: "castanhais", "corigos", "alvares", "negrais" e tantas outras cujos frutos frescos ou secos apareciam na mesa conventual³⁷.

Próximo, na região de Torres Vedras, também Ana Maria Rodrigues encontrou riqueza frutícola semelhante: oliveiras, figueiras, pereiras, laranjeiras, pessegueiros, cerejeiras, nogueiras e castanheiros contribuíam para a dieta alimentar do homem medieval deste território³⁸.

Em Évora predominava a oliveira e a vinha, esta última entremeada de figueiras e árvores de fruto. Cedro, o figueiral se autonomizou em relação ao vinhedo, o que não aconteceu com as árvores de fruto, cujas espécies são pouco conhecidas, durante o período medieval. No tabelamento municipal de 1470, o concelho referia como produto próprio os limões, as cidras, as laranjas, os figos, as cerejas moscatéis, as peras, as maçãs e as ameixas³⁹.

Mais para o norte do reino, a região de Lamego, Rui Fernandes, cidadão desta cidade, apresentava ao bispo D. Fernando uma descrição da mesma e das suas riquezas, datada de 1531-1532. Pela sua leitura, descobrimos que o verde do olival concorria com os soutos de castanheiros, com as nogueiras e com as vinhas, e, também, com os pomares de cerejas, laranjeiras, limoeiros, cidreiras, marmeleiros, macieiras, pereiras, romãzeiras, ameixieiras, figueiras, nespereiras e pessegueiros⁴⁰.

Ao verde pincelado de colorido que acabámos de, sucintamente, referir, para o Portugal medieval e moderno, não acrescentámos o verde cerrado dos bosques e florestas que povoavam o reino, despido de população. É nele que encontramos os pinhais que abundavam no reino em períodos mais recuados, juntamente com outras espécies, e que a desflorestação provocada pela construção naval ciclicamente reduziu. Nem sempre é fácil encontrá-lo especificado na indefinida floresta ou bosque.

Os autores muçulmanos, entre os séculos X e XIII, não esqueceram de os mencionar nos arredores de Alcácer do Sal, de Faro e nas ilhas defronte a esta última cidade, de onde se extraía madeira para a construção naval⁴¹.

Com o objectivo de fixar as areias e secar os paus, os reis portugueses e as ordens religiosas, sobretudo, desenvolveram uma política de plantio de pinheiros, de que o exemplo de Alcobaça, na sequência das medidas adoptadas por D. Dinis, foi estudado por Iria Gonçalves: "*Eram três as florestas mais importantes, sob o ponto de vista da extensão que ocupavam e de todas elas restam*

*ainda hoje abundantes vestígios, quando não foram mesmo restauradas: a que se estendia pelas faldas da serra dos Candeeiros, por uma extensão de duas léguas, dividida entre os concelhos de Évora e Turquel; outra maior ainda, também partilhada por dois concelhos, os da Santa Catarina e Salir do Mato e de que resta, actualmente, a mata das Mestas; por último o pinhal da Pederneira, que se desenvolvia ao longo da costa, entre esta vila e a de Paredes, por uma extensão de légua e meia*⁴². A mesma autora referia que o pinheiro manso cederia o terreno ao pinheiro bravo, a partir dos séculos XIV e XV⁴³.

Maria Helena Coelho supõe a sua existência nas matas do litoral coimbrão, como em Quiaios ou no Louriçal⁴⁴. Mas ao verde do pinheiro sucediam outras tonalidades, características dos castanheiros, dos carvalhos, dos sobreiros, dos zambujeiros, dos freixos, etc., cujo estudo deixaremos para outra oportunidade.

Notas

- ¹ *Cantigas de amigo dos trovadores galego-portugueses*, ed. de José Joaquim Nunes, Centro do Livro Brasileiro, Lisboa, 1972, vol. II, pp. 19, 22, 238
- ² *Ibidem*, pp. 235, 353-354.
- ³ *Ibidem*, pp. 1, 2, 233.
- ⁴ *Ibidem*, pp. 372, 373, 374, 376, 377, 378, 379.
- ⁵ Gil Vicente, "Auto da Fé", in *Obras Completas de Gil Vicente*, Lello & Irmãos, Porto, 1965, p. 107.
- ⁶ Bernardim Ribeiro, *Menina e Moça*, introdução e fixação do texto por Hélder Macedo, publ. D. Quixote, 2^a ed. 1999, p. 81.
- ⁷ Luis de Camões, *Lírica*, Círculo de Leitores, 1984, pp. 19, 20, 103, 106, 125, 154, 201, 233, 243.
- ⁸ Gil Vicente, "Auto dos Quatro Tempos", in ob.cit., pp. 59-61 e 69-70.
- ⁹ Camões, ob. cit., p. 103.
- ¹⁰ Francisco Rodrigues Lobo, *Poesias*, selecção e notas de Afonso Lopes Vieira, Liv. Sá da Costa, Lisboa, 1955, pp. 17-19.
- ¹¹ Duarte Nunes do Leão, *Descrição do reino de Portugal*, Centro de História da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2002, cap. XXXIII, pp. 201-202, cap. XXXIV, p. 207.
- ¹² *Ibidem*, cap. XXXI, pp. 197-198.
- ¹³ *Actas das Vereações de Loulé*, C.M. de Loulé, 1984, vol. I, pp. 20, 26, 27, 28, 29, 30.
- ¹⁴ Fernão Lopes, *Crónica de D. João I*, Livraria Civilização, vol. II, pp. 19-21.
- ¹⁵ Garcia de Resende, "Crónica de D. João II", in *Crónica de Dom João II e Miscelânea*, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, pp. 167 e 171.
- ¹⁶ Gomes Eanes de Zurara, *Crónica de Guiné*, Liv. Civilização, p. 55
- ¹⁷ J. Garcia Mercadal, *Viajes de extranjeros por España y Portugal*, Junta e Castilla y León, Consejería de Educación y Cultura, 1999, vol. I, p. 256.
- ¹⁸ *Ibidem*, vol. I, p. 264.
- ¹⁹ *Ibidem*, vol. II, p. 726.
- ²⁰ *Ibidem*, vol. III, pp. 182-183.
- ²¹ *Ibidem*, vol. III, p. 389.
- ²² *Ibidem*, vol. III, pp. 632, 635.
- ²³ *Ibidem*, vol. IV, pp. 687, 688.
- ²⁴ *Ibidem*, vol. IV, pp. 694, 696
- ²⁵ Maria Laura Bettencourt Pires, *Portugal visto pelos Ingleses*, INIC, Lisboa, 1981, pp. 28, 31-32.
- ²⁶ *Ibidem*, p. 48.
- ²⁷ J. Garcia Mercadal, ob. cit., vol. I, p. 256. Agradeço à Eng. Maria Alexandra Pontes a identificação da árvore do paraíso, um arbusto de folhagem prateada e flores amarelas e odoríferas, que servia para proteger a vinha da invasão das areias.
- ²⁸ *Ibidem*, vol. I, p. 264.
- ²⁹ *Ibidem*, vol. I, pp. 264-267.
- ³⁰ *Ibidem*, vol. I, p. 296.
- ³¹ *Ibidem*, vol. I, pp. 352, 355-356.

³² *Ibidem*, vol. II, pp. 435-437.

³³ Duarte Nunes do Leão, ob. cit., pp. 187-188.

³⁴ *Ibidem*, pp. 189-190.

³⁵ *Ibidem*, pp. 201-208;

³⁶ *Ibidem*, vol. IV, pp. 660 e 696.

³⁷ Iria Gonçalves, *O património do Mosteiro de Alcobaça nos séculos XIV e XV*, UNL, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Lisboa, 1989, pp. 94-95.

³⁸ Ana Maria Almeida Rodrigues, *Torres Vedras, a vila e o termo nos finais da Idade Média*, FCG, JNICT, Braga, 1995, pp. 264-265.

³⁹ Maria Ângela Beirante, *Évora na Idade Média*, FCG/JNICT, Lisboa, 1995, pp. 352-353.

⁴⁰ "Descrição do terreno em roda da cidade de Lamego duas léguas" in *Colecção de Livros Inéditos de História Portuguesa*, Academia Real da Ciências de Lisboa, Lisboa, 1926, vol. V, pp. 552-560.

⁴¹ Borges Coelho, *Portugal na Espanha árabe*, ed. Caminho, 2ª ed., vol. I, pp. 50, 53, 59, 66, 67.

⁴² Iria Gonçalves, ob.cit., p. 101.

⁴³ *Ibidem*, p. 102.

⁴⁴ Maria Helena da Cruz Coelho, *O Baixo Mondego nos finais da Idade Média*, Faculdade de Letras, Coimbra, 1983, vol. I, pp. 196-197.